Introdução ao Desenvolvimento Sustentável



Centro de Desenvolvimento Sustentável UnB

UnB

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Introdução ao desenvolvimento sustentável [livro eletrônico] / [editores Tálita Floriano dos Santos...[et al.]]. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2025.
PDF
Outros editores: Cristiane Gomes Barreto, Mauro Guilherme Maidana Cappellaro, José Augusto Drummond.
Bibliografia.
ISBN 978-65-85259-38-5
1. Desenvolvimento sustentável 2. Meio ambiente 3. Sustentabilidade ambiental I. Santos, Tálita Floriano dos. II. Barreto, Cristiane Gomes. III. Cappellaro, Mauro Guilherme Maidana. IV. Drummond, José Augusto.

25-266925 CDD-333.9516

Índices para catálogo sistemático:

1. Meio ambiente : Conservação e proteção 333.9516
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-85259-38-5
9 786585 259385

Expediente

Editores

Tálita Floriano dos Santos

Cristiane Gomes Barreto

Mauro Guilherme Maidana Cappellaro

José Augusto Drummond

Diagramação/Projeto gráfico/Infografia

Lidiane Holanda

Revisão

Stela Máris Zica

Colaboradores

Alessandro Roberto de Oliveira
Alexandre Strapasson
Ana Claudia Sanches Baptista
Ana Karine Pereira
Andrei Cechin
Andrés Burgos
Arnoldo Santos de Lima
Bernardo Carlos Spaulonci Chiachia Matos de Oliveira
Carlos Hiroo Saito
Cristiano Lenzi
Daniela Gonçalves Mattar
Daniela Nogueira
Diego Pereira Lindoso
Doris Sayago
Edel Nazaré Santiago de Moraes
Elimar Pinheiro do Nascimento
Fabiano Toni
Fernando Paiva Scardua
Gleidson Oliveira Silva
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti
José Luiz de Andrade Franco
Lígia Chicareli Kawata
Louis Philippe Patrick de Jongh Filho
Marcela Ibiapino
Marilia Telma Manjate
Maurício Amazonas
Nayara Rodrigues Marques
Oscar de Moraes Cordeiro Netto
Paulo Celso dos Reis Gomes
Renata Camargo de Araújo
Renata Távora
Romero Gomes P. da Silva
Saulo Rodrigues Filho
Stéphanie Nasuti
Tahinah Martins
Yasmin Oliveira

INTRODUÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Tálita Floriano dos Santos

Cristiane Gomes Barreto

Mauro Guilherme Maidana Cappellaro

José Augusto Drummond

Universidade de Brasília

Centro de Desenvolvimento Sustentável

Este livro foi patrocinado pela Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC)

FINATEC Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos

Centro de Desenvolvimento Sustentável

UnB

SUMÁRIO

PREFÁCIO 5

CARTA DOS EDITORES 14

CONCEITOS INICIAIS 16

1. O ANTROPOCENO E A GRANDE ACELERAÇÃO 17
2. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: A TRAJETÓRIA DE UM CONCEITO 31
3. CIÊNCIA DA SUSTENTABILIDADE 48
4. CRÍTICAS AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 59
5. ALTERNATIVAS AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: O PÓS-DESENVOLVIMENTO 70

FUNDAMENTOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 82

6. ECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE 83
7. ECONOMIA E SUSTENTABILIDADE 93
8. SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE 103
9. POLÍTICAS PÚBLICAS E SUSTENTABILIDADE 114

TÓPICOS CONTEMPORÂNEOS 125

10. BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS 126
11. ÁGUA E SUSTENTABILIDADE 135
12. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SUSTENTABILIDADE: PARTE I 142
13. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SUSTENTABILIDADE: PARTE II 152
14. CIDADES SUSTENTÁVEIS 162
15. RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS 168
16. ENERGIA E SUSTENTABILIDADE 178
17. EDUCAÇÃO AMBIENTAL 187
18. INJUSTIÇA, RACISMO, DIVERSIDADES E MEIO AMBIENTE 196
19. GÊNERO E SUSTENTABILIDADE 207
20. GOVERNANÇA AMBIENTAL 213
21. REDES E SUSTENTABILIDADE 221
22. ESG: ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE 230
23. ECOLOGIA INDUSTRIAL OU O USO EFICIENTE DE RECURSOS NATURAIS 240

Prefácio

Cristovam Buarque

Professor Emérito da UnB

O Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – CDS/UnB nasceu quando ainda não se concretizavam as previsões do Relatório do *Massachusetts Institute of Technology* – MIT sobre os limites ao crescimento, elaborado a pedido do Clube de Roma. Desde então, a realidade está confirmando aquelas previsões. O CDS deixou sua marca: centenas de teses de mestrado e doutorado, grande respeitabilidade e extensa rede de conexões acadêmicas nacionais e internacionais; sobretudo, a marca do pioneirismo em um campo de estudo ainda pouco considerado no mundo acadêmico do início dos anos 1990.

Este livro "Introdução ao Desenvolvimento Sustentável" é uma prova do sucesso do CDS. Os 23 artigos por seus docentes e pesquisadores mostram a amplitude dos temas e o rigor teórico de seus participantes: textos que trazem luz à formação de novos conceitos, como Antropoceno e Desenvolvimento Sustentável; análises sobre as bases da ciência da sustentabilidade e os desafios do pós desenvolvimento; também estudos específicos sobre energia, cidade, ecologia, mudanças climáticas, educação ambiental, governança e resíduos.

Tendo cumprido um papel importante no mundo das ideias ao longo dos últimos 30 anos, é hora de definir desafios sobre o papel, a estrutura e os temas de estudo do CDS nas próximas décadas, que serão decisivas para a humanidade.

a) Fortalecer o enfoque multidisciplinar e ampliar os estudos sobre a história da humanidade

O documento que serviu de base para criação do CDS, memorando[1] de 1990, do ex-reitor da UnB para seu substituto, sugeria a criação de um centro de reflexão multidisciplinar sobre a história passada, a dimensão da crise atual e as perspectivas futuras da civilização: estudar a diversa evolução do homo sapiens até a encruzilhada em que está a humanidade, além de imaginar possíveis futuros e estratégias para dar continuidade e essa evolução levando em conta aspectos morais, biológicos, sociais, econômicos e políticos.

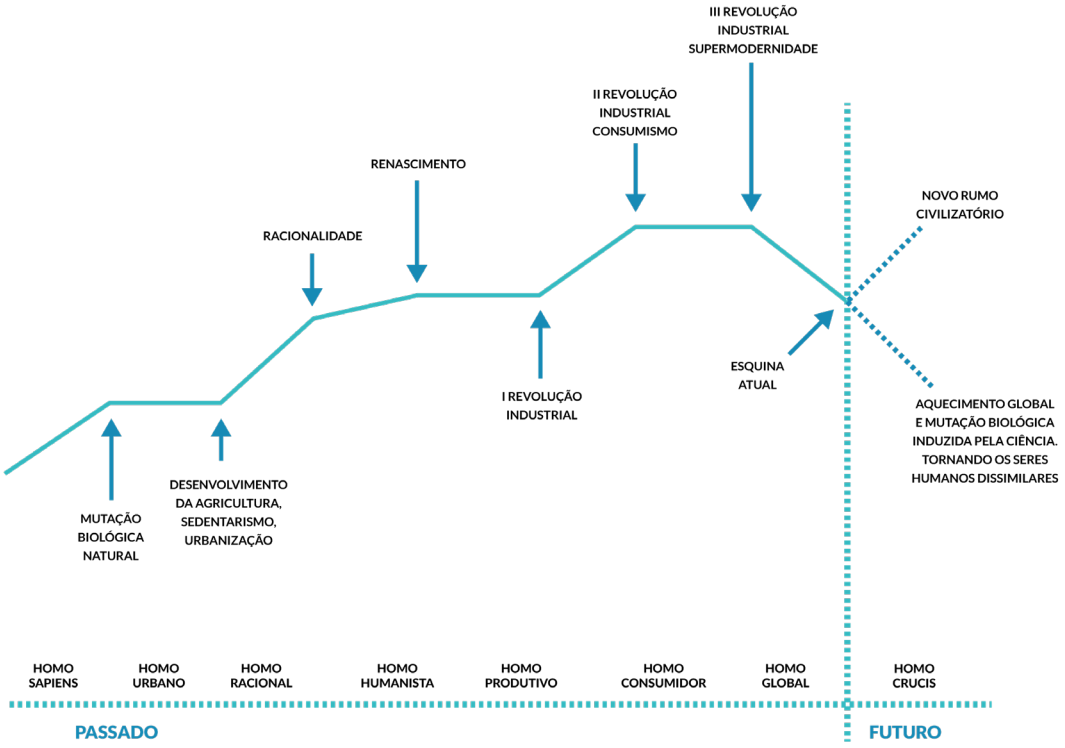
A ideia era estudar a hipótese, indicada na figura 1, a seguir, de que depois da evolução biológica que deu origem ao homo sapiens, ocorreram mais sete evoluções disruptivas que caracterizariam mutações mentais, formando novos tipos específicos de homo sapiens: homo urbano, homo racional, homo humanista, homo produtivo, homo consumidor, homo global e o homo crucis atual[2]. Por esta hipótese, cada mudança foi suficientemente disruptiva para formar um homo sapiens que apesar da mesma característica genética tem características mentais diferentes da etapa anterior, podendo-se dizer que é um novo tipo de homo sapiens. A constatação da dimensão da crise civilizatória atual coloca este homo sapiens crucis na encruzilhada com três alternativas:

1 Cristovam Buarque, memorando de 13/10/1992 ao reitor professor Antonio Ibañez propondo a implantação do Doutorado em Economia Ecológica. Este memorando estava sintonizado com as ideias do meu livro *A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, depois traduzido e publicado em inglês, com título *The End of Economics? - Ethics and the Disorder of Progress* (Londres: Zed Books, 1993), e *A Aventura da Universidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. O memorando virou realidade com a Resolução do Conselho Universitário 014/93, de 29/09/1993, determinando que o Centro de Estudos Multidisciplinares (CEAM) apresentasse em 60 dias a concepção do curso. Em 1995, finalmente o CDS foi criado.

2 Ver do autor o livro *O erro do sucesso: A civilização desorientada e a busca por um novo caminho*. Brasília: Garamond, 2014.

marcha para hecatombe ecológica, reorientação da civilização industrial depredadora e desigual para uma civilização harmônica ou uma nova mutação biológica, induzida pela biotecnologia. A civilização sucumbiria a uma hecatombe, seja ecológica, seja moral, ou marcharia para uma nova etapa de evolução humanista.

Figura 1 – Encruzilhada civilizatória



O desafio do CDS para o estudo desta evolução e da crise atual exige a radicalidade na intenção inicial de estudos multidisciplinares, com conhecimento compartilhado por historiadores, arqueólogos, politólogos, sociólogos, antropólogos, filósofos, linguistas, biólogos, neurocientistas, economistas e psicólogos. O CDS deve ser o Centro onde todas estas áreas do conhecimento conviveriam em interações acadêmicas multidisciplinares – aulas, seminários, debates, conversas – para constatar as diversas interpretações sobre a marcha da humanidade. Além da adoção plena de métodos multidisciplinares, o CDS precisa ser um polo de atração para reflexão por pensadores, independentemente da relação administrativa e da titularidade de cada um deles.

b) Reflexão sobre a civilização nas eras: do Antropoceno, dos Limites, da Escassez e de Dúvidas

Além de polo de reflexão sobre a história da evolução humana, da crise civilizatória e dos rumos da humanidade, o CDS deve ser também centro de análise da geopolítica no mundo atual. Apesar de a humanidade e o planeta terem deixado de ser temas restritos a filósofos e astrônomos, o mundo acadêmico continua dividindo a geopolítica em países ricos do "primeiro mundo" e países pobres do "terceiro mundo". O CDS precisa se debruçar sobre a geopolítica de um mundo com a pobreza espalhada, independentemente das fronteiras nacionais: a Terra inteira como um "mundo terceiro mundo", com populações de pobres e de ricos, em todos os países.

Os ricos formando um "primeiro mundo internacional dos ricos" com a mesma qualidade de consumo e de serviços de saúde, cultura, educação, não importa o país em que vivam; e os pobres espalhados em um "arquipélago de excluídos da modernidade", diferenciados até mesmo dentro do próprio país. Apartando estes dois tipos de população, o planeta é cortado por uma "cortina de ouro" que serpenteia por dentro de cada país, separando ricos e pobres em uma apartação internacional[3]; como indica a figura 2.

É consequência desta nova geopolítica ecológica que em cada país a disputa eleitoral tem ocorrido em uma luta de classes, entre nacionais e imigrantes. Em fevereiro de 2024, o Vice-Presidente dos Estados Unidos deixou clara esta realidade geopolítica ao dizer que os inimigos já não são países que se opõem, são os imigrantes no interior do próprio país.

Impossível ao político ter êxito com ideias, conceitos e propostas fora da caixinha das visões e conceitos tradicionais. O CDS tem e deve usar esta liberdade e competência. A política se mostra antihumanista ao ser obrigada a descartar os três tipos de imigrantes: geracionais (ainda não chegaram a idade de voto ou nem nasceram), geográficos (que vêm de outro país) e sociais (pobres excluídos, os "instrangeiros"[4]). Os dois primeiros grupos não votam, os estrangeiros sociais votam iludidos com a chance de ingressar no mundo moderno de consumo. Em tempos de abundância, a política defende incorporar aos imigrantes, mas em tempo de escassez, os políticos precisam defender a manutenção dos privilégios já conquistados, não a distribuição de benefícios. Cabe ao CDS estudar como abolir o conceito de estrangeiro e de imigrantes e tratar os seres humanos como seres humanos, independentemente do local geográfico, geracional ou social onde nasceram. Em tempo de limites e escassez, isto vai exigir novas propostas utópicas, diferentes do crescimento do PIB e do consumo: redução da jornada de trabalho e ampliação de bens e serviços públicos, com provável redução no consumo, pelo menos no caso dos bens degradadores do equilíbrio ecológico.

A integração entre os ricos, independentemente de seu país, é tamanha que cartão de crédito internacional é mais importante do que o passaporte nacional; dentro de cada país, os crachás barram mais aos nacionais na entrada de hospitais, escolas, condomínios, do que os passaportes entre países. A "cortina de ouro" é uma fronteira mais difícil para um pobre atravessar dentro do seu país do que a fronteira internacional por um viajante do primeiro mundo dos ricos.

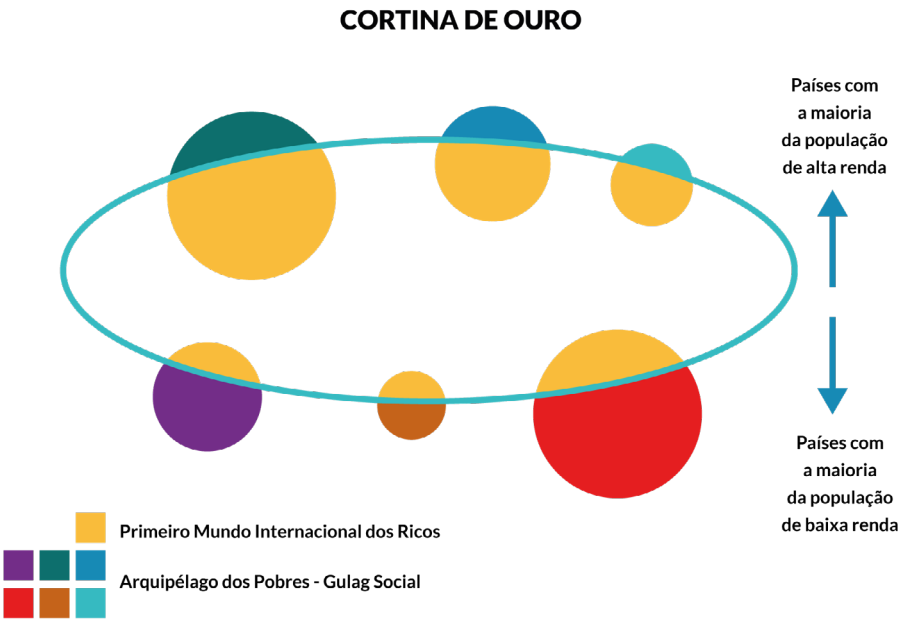
Já não se justifica tratar os países como ricos ou pobres, mas como "países com renda média alta" e "países com renda média baixa". Nos "países com renda média alta" há imensos contingentes de pobres e nos "países de renda média baixa", seus ricos têm o padrão de vida dos países de renda média alta. A defesa do equilíbrio ecológico mundial já não pode ser feita defendendo o direito de poluir da população dos "países de renda média baixa", porque seus ricos consomem e poluem até mais, além de terem os privilégios dos ricos do "primeiro mundo internacional dos ricos".

Este é um tema que o CDS deve aprofundar para evitar o erro comum nas COPs e em outros acordos internacionais de, em nome dos pobres, manter-se o direito a privilégios e a degradação ambiental nos "países com renda média baixa"; ou exigir compensações financeiras que podem terminar beneficiando aos ricos desses países, aumentando o desequilíbrio ecológico.

3 Ver do autor o livro *A Cortina de Ouro: os sustos do final do século e um sonho para o seguinte*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

4 Ver do autor o livro *Os instrangeiros: a aventura da opinião na fronteira dos séculos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

Figura 2 – Cortina de ouro



O CDS deve trabalhar sobre uma geopolítica que no lugar de países, divide a humanidade social e geracionalmente entre poluidores e não poluidores, entre geração atual e gerações futuras.

c) Adotar métodos de livre pensar para imaginar alternativas disruptivas de futuro

O atual homo sapiens crucis está na encruzilhada com as três alternativas já citadas: caminhar para a catástrofe ecológica com nova extinção ampla de vida no planeta; reorientar o rumo civilizatório em direção a uma evolução harmônica entre seres humanos e deles com a Natureza, o que exige uma mutação mental do atual homo sapiens industrial para o homo sapiens harmônico; ou continuar o rumo da civilização industrial para explicitamente apenas uma parte da humanidade, dividindo a espécie em homo sapiens superior e homo sapiens inferior ou neohomosapiens e neoneandertais.

Percebe-se a tendência à hecatombe ecológica movida por uma punção humana e pela volúpia ao consumo e a ganância do lucro; ou à hecatombe moral com a desigualdade social se transformando em diferenciação social, com indícios de ruptura na esperança de vida, na saúde e no grau de inteligência, conforme a população do "primeiro mundo internacional dos ricos" ou o "arquipélago de pobres". Esta hecatombe moral pelos padrões atuais do sentimento de semelhança permitiria dar sustentabilidade ao atual padrão industrial para apenas uma minoria de seres humanos, enquanto excluiria ou eliminaria a outra parte, como foi feito há 40 mil anos com os neandertais. A alternativa a estas duas catástrofes, ecológica ou moral, seria o rumo a um novo tipo de evolução em direção a uma civilização harmônica entre os seres humanos e deles com a natureza, o que exigiria uma nova mutação mental do atual homo industrial consumidor, individualista e antropocêntrico radical. Vale lembrar que este sentimento de semelhança entre os seres humanos não existiu ao longo de séculos de desigualdade e mesmo recentemente não existiu nos séculos de escravidão, no apartheid sul-africano, no racismo dentro da democracia norteamericana, nem na apartação internacional atual da qual o Brasil é um exemplo.

Especular sobre a dimensão da crise na encruzilhada civilizatória e sobre o futuro para onde vai a humanidade exige enfrentar o desafio de complementar o atual método de trabalho do CDS de Centro de ensino para mestrado e doutorado, em centro de estudo de livre pensar. Se diferenciar da tradição doutoral da universidade, se transformando em campo de debate intelectual com menos submissão à tutela de orientadores e ao propósito do diploma, adotando a liberdade de pensar o inesperado, incentivando a reflexão com direito a especulações que promovam disrupção intelectual teórica. Para tanto, o CDS deve adotar e praticar seminários, teses e artigos com novas visões sobre problemas já apresentados e formular problemas ainda não conhecidos: um método de trabalho mais dedicado a formular novas perguntas do que a encontrar respostas para perguntas já conhecidas. Sair da visão presa à ideia tradicional de desenvolvimento, mesmo sustentável, para a ideia de evolução harmônica.

d) Estudos do futuro e fábrica de conceitos novos

A nova geopolítica ecológica, a crise civilizatória, os desafios ecológicos e sociais nas eras disruptivas exigem a construção de um dicionário para os atuais tempos disruptivos. Ao estudar a ideia de evolução harmônica para a humanidade e o planeta, não para cada país em particular, o CDS deve escolher temas que definirão o rumo da civilização, rompendo com 200 anos de táticas para promover crescimento econômico por país. O CDS deve ser uma usina de conceitos e de palavras que representem as realidades imaginadas para o futuro que já está presente, embora não perceptível.

e) A tecnologia indutora de necessidades e de desigualdades

Por dois séculos o mundo caminhou para a abundância e em consequência ao fim das necessidades, graças ao avanço técnico aumentando a produtividade para produzir a cesta tradicional de bens que pouco mudou seus componentes desde a Idade Média até o final do século 19. A partir do século 20, o avanço técnico teve uma inflexão: embora ainda aumentando a produtividade, passou a inventar novos produtos, criando necessidades no lugar de promover abundância. A coincidência histórica do aumento da produtividade com a invenção de novos produtos levou a produção industrial a níveis que provocam mudanças climáticas e ameaçam os limites ecológicos. A partir de certo momento no século 20, a inteligência humana que era distribuidora e emancipadora de necessidades, passa a exigir a defesa de privilégios: já não sendo possível para todos, a sociedade se organiza para politicamente barrar novos beneficiados. O CDS deve ser o polo de reflexão sobre estes novos tempos do avanço técnico depredador e concentrador no lugar de emancipador e distribuidor.

f) Cada país pedaço do mundo

Nesta geopolítica ecológica atual, a democracia se opõe ao humanismo. O mundo ficou global, a Terra é a unidade, mas o sentimento tribal de cada país se mantém. O mundo-soma-de-países já passou a ser cada-país-pedaço-do-mundo, mas o atavismo nacionalista, que se manterá por décadas ou séculos aprisiona os problemas planetários nas decisões políticas tomadas dentro de cada país pela soberania dos eleitores para decidir conforme seus interesses individuais – limitados ao curto horizonte temporal e ao pequeno horizonte espacial. Com a percepção planetária, os interesses da humanidade apresentam novos problemas que não respeitam fronteiras nacionais: mudanças climáticas, migração em massa, pobreza global, criminalidade internacional, mas as decisões são tomadas no nível de cada país, daí a incapacidade dos líderes eleitos pelo voto nacional tomarem decisões sintonizadas com os interesses da humanidade. Daí a constatação de não haver mais líderes mundiais, porque todo líder é nacional em um mundo que já é planetário. Os líderes mundiais de antes eram nacionais, usavam a diplomacia ou a força militar que tentavam fazer o mundo se parecer ao seu conforme a ideologia, valores morais e o respectivo estilo de vida.

O CDS deve ser um centro de reflexão sobre o esgotamento da democracia nacional e sobre a construção de uma humanocracia capaz de combinar o apego nacional com os interesses da humanidade, onde os eleitores de cada país mantém suas especificidades e interesses, mas é apenas um pedaço do mundo. Impossível as lideranças políticas eleitas por interesses locais terem esta perspectiva planetária. As novas ideias não surgirão no mundo político comprometido com o curto prazo eleitoral e o limitado espaço geográfico. Este é um tempo que requer filosofia para dar substância teórica à política. O CDS deve enfrentar o desafio de ser formulador da nova filosofia política planetária ecológica, social e econômica em que os líderes nacionais e seus partidos não conseguirão. No livro "A Desordem do Progresso" sugiro o termo "econologia" [5]para definir esta combinação de novo propósito ético, diferente do PIB, no espaço ecológico, diferente do nacional, e com racionalidade econômica de como as pedras, plantas e animais se transformam nos produtos do homem e fabrica ao homem na forma de produzi-los, usá-los e descartá-los.

A figura 3 abaixo mostra a alternativa de um sistema mundial em que o eleitor nacional continuaria politicamente soberano, mas sua soberania limitada por valores morais humanistas definidos por acordos internacionais, como vem sendo tentado por acordos tipo Kyoto, Paris, Marrakech, Rio, COPs.

Figura 3 – A humanocracia



Este é um tema que deve desafiar os alunos, professores e pesquisadores associados do CDS, sobretudo devido a possível impossibilidade de chegar-se a acordos que representem valores humanistas aceitos por líderes comprometidos e dependentes dos votos nacionais[6], tendo em vista a pulsão do homo sapiens para o individualismo, mesmo em cooperação local quando é do interesse individual. Afinal, a consciência da morte e do curtíssimo período de vida conduz o homem a tomar decisões para o benefício próprio pessoal, mesmo que provocando desastres para a espécie, como se o homo sapiens fosse o meteoro da humanidade.

g) Superação da pobreza: utopia humanista

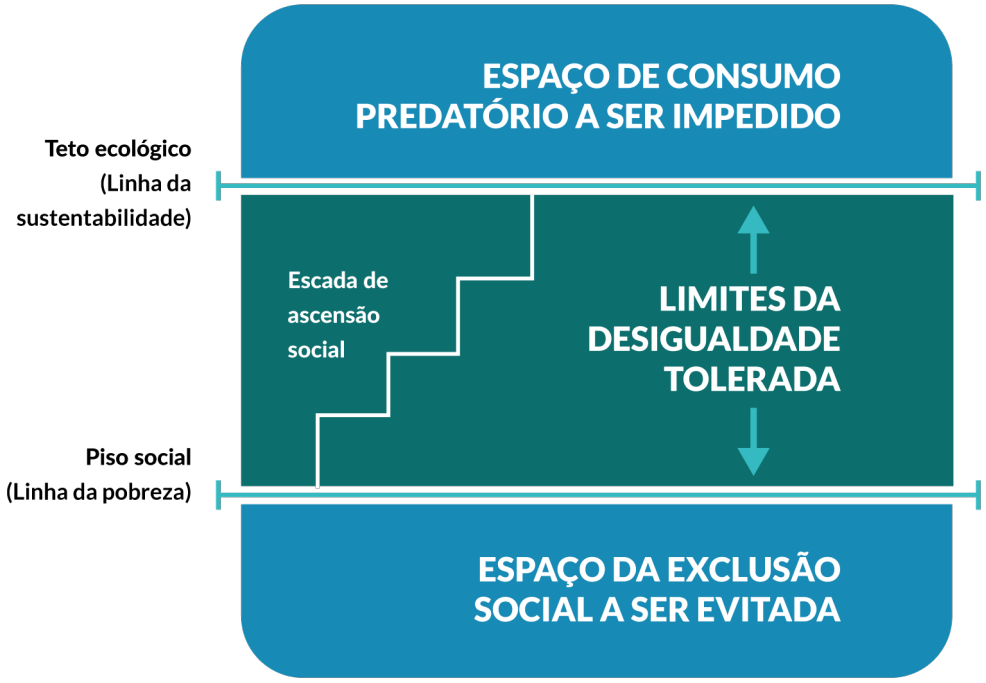
5 Ver do autor o artigo *A Terra não cabe na Ágora*. Revista Brasileira, ano II, nª 114, jan-mar, 2023.

6 Ver do autor *Econologie : la science de la Terre-patrie*. In: MORIN, Edgar. L'avenir de Terre-Patrie : Cheminer avec Edgar Morin. França: Editora Actes Sud, 2021.

Um desafio para o CDS deve ser como derrubar a "cortina de ouro", abolindo o quadro de pobreza em escala planetária. A economia fracassou como ferramenta para a superação da pobreza, o CDS deve enfrentar o desafio de promover reflexão multidisciplinar para um novo entendimento e novas estratégias visando a erradicação da pobreza, com enfoque diferente daquele usado desde meados do século 20 pelo crescimento econômico e distribuição dos seus resultados em escalas nacionais. A ideia de que a renda crescendo se espalharia do topo à base social eliminando a pobreza em cada país não se realizou: nem se espalhou e, mesmo que espalhada, não resolveria o problema da pobreza, porque a renda bem distribuída não seria suficiente para os pobres adquirirem, no mercado, os bens e serviços cuja ausência caracteriza pobreza. O CDS deve tirar o tema da pobreza das amarras teóricas da economia e tratá-lo como assunto da moral, da solidariedade: ver pobreza não mais como falta de renda, mas como falta de acesso aos bens e serviços essenciais por falta de decisões políticas corretas no uso dos recursos.

Imaginar estratégias que permitam assegurar a todos habitantes de cada país acesso aos bens e serviços cuja ausência caracteriza pobreza, colocando todos acima de um "piso social", linha real, não monetária, da pobreza; ao mesmo tempo definindo estratégias para limitar o consumo a um "teto ecológico" acima do qual nenhum consumo seja permitido; e entre o teto e o piso, uma "escada de ascensão social" garantida a todos, graças à educação e à saúde de máxima qualidade com plena equidade. Entre o piso e o teto, a utopia humanista, e, portanto, libertária, toleraria a desigualdade social e econômica resultado da liberdade para usar o talento, a persistência e as preferências de cada indivíduo. Porque, bem utilizados, o talento, a persistência e as preferências não apenas justificam a desigualdade tolerada, como são ferramentas de aumento da riqueza social a ser distribuída.

Figura 4 – Utopia humanista



h) Prosperidade independente do crescimento econômico

Um dos desafios do CDS é livrar o pensamento da amarra do PIB e formular um novo indicador de progresso. Romper com dois séculos da definição de prosperidade baseada no aumento da renda nacional de cada país graças ao crescimento econômico medido pelo PIB per capita e promover uma nova concepção de prosperidade baseada na capacidade do sistema social permitir o bem-estar e a ampliação da liberdade, assegurando a possibilidade de cada pessoa usufruir de sua liberdade. O CDS deve se envolver no esforço mundial que busca um novo indicador do progresso que não seja mais o PIB e não se limite ao IDH.

i) Esgotamento do Estado, das fronteiras nacionais e da demografia

A geopolítica ecológica ocorre com limites ao crescimento econômico, limite no isolamento de fronteiras nacionais e limites ao poder dos Estados. O CDS deve ser um polo de reflexão sobre a gestão econômica e social nos tempos de governos com fronteiras nacionais frágeis, Estados esgotados na representação de poder diante de ONGs, sindicatos e participação da sociedade civil, esgotado fiscalmente, sem capacidade de financiamento, moralmente por causa da corrupção quase generalizada e pela baixa taxa de natalidade.

j) Preocupação com educação

O que se percebe nesta nova geopolítica ecológica é que a luta de classes é substituída por uma luta de cabeças entre a mente do homo sapiens industrial consumidor, individualista, imediatista, nacionalista, e um novo homo harmônico. A construção do futuro passa portanto pela educação que forme uma nova mentalidade humanista, planetária e ecológica, movida para realizar o bem-estar, a ampliação do tempo livre para ser usado livremente.

O CDS tem demonstrado preocupação com educação ambiental, mas não com a formação de uma mente planetária: o conhecimento da crise, suas causas, a necessidade de ver cada país como pedaço do mundo e não o mundo como a soma dos países, substituir o propósito do consumo pelo propósito do tempo livre, com liberdade para usá-lo livremente. O CDS precisa se colocar o desafio de refletir sobre o futuro da educação para o futuro da humanidade, tanto no conteúdo, uma nova maneira de a humanidade pensar e definir o propósito de sua evolução, quanto no uso das novas ferramentas para o futuro da pedagogia. Para tanto, será preciso refletir e propor na condição de educacionistas – de que forma implantar um sistema mundial de educação para todas as crianças do mundo – e na condição de educadores – qual o conteúdo da escola para formar a mente humanista e como aproveitar as novas ferramentas decorrentes das modernas tecnologias digitais e da teleinformática. Este desafio deve ser considerado em escala mundial, visando atender todas as crianças que construirão o futuro do mundo, independentemente de onde more e qual a renda da família[7].

7 Ver o livro International Commission on the Futures of Education. Report - Reimagining Our Future Together: a new social contract for the education. Paris: UNESCO, 2021. 184p, resultado do trabalho da equipe de 15 pessoas reunidas pela UNESCO, da qual o autor fez parte.

Nota

Minha relação com o Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – CDS/UnB, onde fui professor, é mais do que acadêmica, é também sentimental. Ele surgiu de um memorando meu, de 13 de outubro de 1992, já na qualidade de ex-reitor, ao reitor Antonio Ibañez Ruiz, sugerindo a criação de um centro para reflexão sobre a relação do ser humano com a natureza, que chamava então de economia ecológica. A ideia era uma rede internacional com outros quatro centros no Chile, Espanha, Escócia e Suécia, inspirados por Ignacy Sachs, meu orientador de estudos para o doutorado na Sorbonne, e por Manfred Max-Neef.

Graças, inicialmente ao reitor Ibañez, que formalizou a criação, aos professores Marcel Bursztyn e Elimar Nascimento, e dezenas de outros professores e alunos, a ideia se fez realidade e hoje, após 30 anos, é um caso de grande sucesso acadêmico. O CDS cumpriu seu papel e orgulha ao mundo universitário, mas como toda instituição, deve olhar para frente imaginando e enfrentando desafios. Por isto, minha satisfação ao ser convidado para fazer o prefácio deste livro foi aumentando quando foi aceita minha intenção de escrever sobre os desafios do Centro para os próximos anos.

Escrevi este texto com carinho por ter responsabilidade com seu nascimento e com esperança no potencial do CDS. Por esta razão, escolhi fazer um texto de reflexão pessoal, cuidando inclusive de citar referências apenas de trabalhos meus. Espero que os professores e alunos encarem o desafio de ler, de analisar e de contestar estes desafios, transforme-os em outros e enfrente-os.

Cristovam Buarque

Professor Emérito da UnB


FINATEC
Centro de Desenvolvimento
Sustentável UnB
UnB